

## Paulo Miyada - “Tentativa de evocar o espírito de Joseph Beuys ao redor deste espaço” de Guilherme Peters

O trabalho de Guilherme Peters parte da premissa de que, para gerar formas, é necessário despende energia. Suas performances, vídeos, objetos e instalações invariavelmente deixam ver os esforços necessários para sua realização, sejam eles reconhecíveis como onda sonora, correntes elétricas ou, mesmo, o fôlego do próprio artista. Ainda assim, nem sempre são gestos reconhecíveis como ações produtivas, anunciando-se antes como 'tentativas' de eficácia questionável, fixadas como ciclos entrópicos de repetição, perda e transformação de valores simbólicos ou de crença. Natural, portanto, que Peters se aproxime de referências que, historicamente, carregaram em si o motor da mudança e o horizonte da frustração, tais como as tentativas modernas de revolução da arte e da vida - sejam elas disparadas por agitadores sociais, por artistas de vanguarda ou por ditadores comprometidos com a ascensão e o declínio dos povos. Natural também, embora por motivos de outra ordem, que o artista tenha incorporado em seu processo criativo elementos de sua prática cotidiana como skatista, sobretudo sua premissa de ocupação de espaços diversos e a massiva carga de energia que despende e dispersa como movimento, suor e atrito.

“Tentativa de evocar o espírito de Joseph Beuys ao redor deste espaço” mobiliza os parâmetros descritos acima em torno de uma possibilidade ambivalente: tornar presente o espírito de um artista já falecido através de um ritual circular em torno dos elementos que caracterizam sua obra. A parte suas motivações políticas, a obra de Beuys talvez possa ser descrita como uma extensa pesquisa sobre como seria possível acumular e trocar energia a partir da arte (do desenho, da escultura e da ação) e do engajamento das pessoas com seus materiais, símbolos e, sobretudo, com sua plataforma de convívio, aprendizado e criatividade. Peters empregou seus materiais favoritos - feltro, gordura animal e cobre - e os ícones que identificavam sua persona - o chapéu, o colete e o sapato - para criar uma cena na qual poderia rodar *ad nauseam* com seu skate, deixando-se derrubar por eventuais passagens pela trilha de gordura. Ao invés de armazenar, Peters dispendia energia, podendo ao mesmo tempo estar em relação e contrastar com o repertório legado de Beuys. Assim, criava uma situação em princípio fechada e auto-suficiente, que se abria ao público a partir do momento em que ele conseguia projetar naquela ação algum tipo de crença: fosse no gesto do artista, na sua premissa mística ou na imagem fundadora criada por Joseph Beuys. Quando, então, o trabalho redefine-se como registro de uma performance já ocorrida, torna-se passível de reinvenções através de variadas modalidades de relatos, da fotografia ao texto, passando pela entrevista e o vídeo, distintas camadas são condensadas desde a experiência do trabalho/ritual, com ênfases também variadas, passando pelo que há de místico e de físico em sua realização.